

**REDES DE TRANSFORMAÇÕES: O MUSEU ENQUANTO
ESPAÇO DE CIRCULARIDADE DO CONHECIMENTO, DA
PESQUISA E DA MEMÓRIA SOCIAL.**

Rosildo Raimundo de Brito

Aluno do Doutorado em História Social da USP e professor da UFCG
rosildo@usp.br

RESUMO

Para além de um espaço privilegiado da interatividade entre história, espaço e tempo, o museu representa um importante espaço de contribuição para as reflexões em torno do dinâmico processo de construção e circularidade do conhecimento, da pesquisa e também da memória social. Mais que isso, revela-se também um lugar aberto a valiosas experiências de dinamização do ensino e da pesquisa em História, possibilitando novos e instigantes encaminhamentos teórico-metodológicos. Fundamentado em reflexões em torno dessa realidade, este trabalho apresenta um relato de experiência fruto de uma vivência do grupo de estudantes do Doutorado Interinstitucional em História Social pela USP/UFCG, por meio da disciplina de História e Historiografia da Ciência. Trata-se de uma experiência resultante de uma visita feita às coleções do Museu Interativo do Semiárido (MISA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PB), a partir da articulação entre discussões teórico-conceituais traçadas em sala de aula sobre a história social da ciência e o contato in loco com o museu enquanto um dinâmico campo social constituído de (re) significados relacionados a modos culturais de viver, trabalhar e de organização do conhecimento histórico científico. Para tanto, a experiência norteou-se em discussões reflexivas de natureza crítica sobre a produção, significação e circularidade do conhecimento científico, feitas a partir de conceitos apresentados por autores como Bruno Latour (2004; 1997), especialmente o de ‘redes de transformações’, e a contribuição advinda de autores a exemplo de Steve Shapin (2013), além do contributo da historiografia contemporânea sobre a relação dicotômica História e Memória. Por fim, além de explorar a proposta de pensar o ensino e a pesquisa de forma articulada e para além da sala de aula, a experiência vivenciada proporcionou aos sujeitos envolvidos, uma compreensão histórica mais clara sobre o processo de construção do realismo científico de que o discurso acadêmico se faz portador, corroborando com o poder de representação de que as narrativas oficiais se revestem ao lidar com o mundo social, desvelando, desta maneira, o aspecto sócio-cultural que norteia o fazer científico.

Palavras-chave: História. Museu. Redes de transformações.

Introdução

A sociedade moderna permanece regida indiscutivelmente pelo cientificismo, termo que implica a atitude de valoração positiva do papel da ciência enquanto campo privilegiado da produção, organização sistemática e difusão do conhecimento por excelência. Muito mais que benefícios materiais concretos para o desenvolvimento da humanidade, a revolução científica desencadeada a partir do século XVI, instaurou um novo modelo axiomático, fazendo da ciência este campo privilegiado de verdades universais e de grau de realismo absoluto. Na contra-mão deste paradigma, os estudos da Sociologia e da História da Ciência vem alargando uma nova perspectiva de leitura crítica que, para além de desmitificar a sacralização do conhecimento científico, nos faz ver este enquanto uma prática sociocultural constituída a partir de diversos fatores e componentes de natureza interna e externa ao mundo da ciência propriamente dito. Uma prática analisada exhaustivamente por autores como Latour e Woolgar (1997) e Steve Shapin (2013), ao descreverem algo ainda pouco evidenciado no mundo científico que se trata do constructo social e cultural da ciência, nos fazendo ver que as ideias e conceitos científicos são gerados e legitimados a partir de práticas socioculturais, pondo abaixo, desta maneira, o status de ciência pura produzida pelos cientistas por meio do dinâmico processo de produção dos fatos científicos.

A contribuição destes autores aqui destacados nos levam a uma instigante análise reflexiva em torno da descrição da dimensão social, cultural e política que envolve o labor científico, perpassando por outro aspecto também muito importante para uma compreensão histórica da ciência que é o poder do realismo científico frente aos fenômenos do mundo natural a que esta se predispõe a representar de forma objetiva. Tal perspectiva conduz-nos a uma reflexão sobre o poder sógnico de representação e apresentação de que a ciência se reveste no dinâmico processo de investigação, exploração e exposição da realidade objetivada e materializada. Neste sentido, é importante destacar que produção e disseminação do conhecimento se dão de maneira imbricada e complementar, moldando o construto do saber científico. Esta

visão é defendida por Shapin (2013) para quem a produção e a comunicação do conhecimento, não se tratam de atividades distintas, como geralmente são vistas. Neste sentido, este autor assevera que “O discurso acerca da realidade natural é meio de gerar conhecimento acerca da realidade, de assegurar a garantia para esse conhecimento e de determinar os domínios de certo conhecimento em relação a áreas de posição menos certa” (SHAPIN, 2013, p. 90)¹.

Ao avaliar a dinâmica do processo de geração e validação do conhecimento científico a partir do trabalho ocorrido pelas mais distintas comunidades científicas, Steve Shapin chama a atenção para as convenções linguísticas que institucionalizam e balizam as práticas científicas para além das fronteiras sociais a que cada uma das comunidades pertencem, ou de onde falam. Shapin (2013, p. 116) conclui a sua análise crítica em torno desta problemática, defendendo que os membros das comunidades científicas deveriam demonstrar ao público destinatário, em geral, leitores de artigos e outros formatos de comunicação científica, não apenas os produtos de experimentos, mas também “seu modo de construção e as contingências que afetavam sua realização, como se eles estivessem presentes ali”. Em síntese, baseado na experiência de Robert Boyle em meados do século XX, este autor defende a utilização da linguagem pública como algo essencial para a criação tanto do conhecimento como da solidariedade social na comunidade de experimentos.

De maneira similar a este autor mencionado, ao lançar uma leitura etnográfica sobre a rotina produtiva de um laboratório científico e que resultou na obra *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos* (1997), Bruno Latour, em parceria com Steve Woolgar, destaca uma série de observações em torno das inscrições científicas que norteiam tal produção, chamando a atenção para a contribuição da história social da ciência nos estudos em torno das ciências, não “sancionadas”, mas sim, as aquelas abertas e incertas (LATOURE, 1997). E, ao utilizar-se da figura de um observador na qualidade de personagem fictício inserido dentro da rotina de um laboratório, a descrever um relatório acerca da rotina que envolve a comunidade científica naquele ambiente, Latour (Idem) chama a atenção para o que denomina de inscrições literárias,

¹ As proposições apresentadas por Steve Shapin foram construídas a partir de uma leitura que este autor fez do resultado de experimentos físico-mecânicos conduzidos pelo cientista Robert Boyle com a bomba de vácuo na área da Pneumática, no final dos anos 1960 e início dos anos 1960. (ver SHAPIN, 2013).

dentro do método etnográfico adotado pelo observador, como fio condutor de seu trabalho. Por inscrições literárias, entende-se, neste caso, um tipo de registro minucioso de todos os procedimentos e passos dados pelos cientistas dentro do espaço laboratorial e que fazem parte da trajetória de desenvolvimento da geração e disseminação do conhecimento científico que é arquitetado ali².

Dentro desta perspectiva epistêmica, fundamentado na história e na sociologia das ciências, Bruno Latour chama a atenção para o poder de mediação significativa exercido por cada um dos elementos que atuam como inscrições dentro do complexo e multifatorial processo de representação de que o conhecimento científico se reveste na qualidade de demonstração fiel dos fenômenos naturais. Neste sentido, diz-nos este autor que:

O controle intelectual, o domínio erudito, não se exerce diretamente entre os fenômenos – galáxias, vírus, economia, paisagens – mais sim sobre as inscrições que lhe servem de veículo, sob a condição de circular continuamente, e nos dois sentidos, através de redes de transformações – laboratórios, instrumentos, expedições, coleções. (LATOURE, 2004, p. 04).

Este autor afirma ainda que é através das relações das inscrições com os fenômenos e, mais especificamente dos agentes que se fazem intermediários destas relações, a exemplo das bibliotecas, dos laboratórios e das coleções, que não só o corpo, mas a alma do conhecimento é fabricada. E, ao tomar como exemplo, um dos lugares de memória e de circulação do conhecimento que é a biblioteca, Bruno Latour chega ao conceito principal apresentado por ele em seu texto intitulado: “*Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções*” (2004), que é o de “Redes de Transformações”, no intuito de demonstrar que é por meio desta rede que cada inscrição é atrelada ao mundo para em seguida significá-lo, pondo em jogo um dinâmico processo de deslocamentos de redução e amplificação de sentido. Ao citar a biblioteca, ele meniona este agente intermediário como o nó de uma vasta rede onde circulam não signos, não matérias, e sim matéria tornando-se signos (LATOURE, 2004, p. 02).

O mundo sígnico científico

² Bruno Latour esclarece que as inscrições literárias advém de um empréstimo feito da noção de inscrição apresentada por Derrida (1967) e que diz respeito a uma operação anterior à escrita. (LATOURE, 1997, p. 37).

A abordagem apresentada por Bruno Latour nos leva a uma imersão para dentro do mundo dos signos e, portanto, da maneira de significação, de produção de sentido concernente ao universo científico. Ao propor essa inserção, o autor dá uma atenção especial ao elemento central de que os signos se fazem portadores em essência que é a informação, por meio da qual, a complexa rede de significação é construída, desencadeada. É também por meio dos signos que, conforme destaca o eminente pensador russo Mikhail Bakhtin, ocorre o complexo e dinâmico processo de interação social, ou seja, do homem com a realidade ao seu redor, afinal, como esclarece este mesmo autor: “Todo signo é ideológico, caracterizado como uma realidade ideológica que tem sua materialidade e que se constrói no ambiente social da comunicação” Bakhtin (1999, p. 52).

Desta maneira, partindo da compreensão semiótica em torno da relação entre signo e informação, acrescida da noção de circularidade e transformação apresentada por ele, Latour (2004, p. 02) esclarece que a informação não é um signo, e sim uma *relação* estabelecida entre dois lugares em que: “o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um *centro*, sob a condição de que entre os dois circule um *veículo* que dominamos muitas vezes de forma, mas que, para insistirem seu aspecto material, eu chamo de *inscrição*”. Tal consideração, foi um modo que este autor encontrou de esclarecer a imbricada relação existente entre esses três elementos: signo, informação e inscrição, enfatizando ao final que a informação não se trata, na sua concepção, de uma “forma”, no sentido platônico do termo, e sim, uma relação muito prática e material entre dois lugares, em que “o primeiro do qual negocia o que deve retirar do segundo, a fim de mantê-lo sob sua vista e agir a distância sobre ele. E, conclui o raciocínio ao complementar que a informação não é inicialmente um signo, e sim, aquilo que denomina como um “carregamento” em inscrições cada vez mais móveis e fiéis, de um maior número de matérias. É por meio dessas definições que ele trabalha a noção de Redes de Transformações, e que verá a seguir.

O museu e a Rede de Transformações

Os conceitos chaves apresentados por Bruno Latour e Steve Shapin nos ajudam a compreender melhor não apenas o mito do realismo científico produzido a partir dos

laboratórios científicos, mas também o realismo fabricado dentro dos denominados lugares de memória, a exemplo dos museus. E, neste sentido, o conceito de “Rede de Transformações”, apresentado por Latour (2004) de maneira particular, oferece-nos a possibilidade de uma visão mais alargada de como esse realismo é erguido, a partir da movimentação dinâmica de que as inscrições se fazem portadoras, enquanto veículo privilegiado do complexo processo de produção de informações. Dentro desta perspectiva, ele faz compreender que a produção de informações permite, pois, resolver de modo prático, por operações de seleção, extração, redução, a contradição entre a presença num lugar e a ausência desse lugar. E que, se torna impossível compreendê-la sem se interessar pelas instituições que permitem o estabelecimento dessas relações de dominação, e sem os veículos materiais que permitem o transporte e o carregamento.

Portanto, dentro desta ótica, só mesmo uma análise em torno de, pelo menos, uma dessas instituições que servem de espaço privilegiado de conhecimento para nos fazer compreender melhor de que maneira esse fenômeno se dá. Foi a partir desta premissa que se deu, portanto, a experiência pedagógica a que esse trabalho se reporta, e que será detalhada mais a diante. Antes disto, faz-se importante compreender pouco melhor, a noção de “Redes de Transformações” aqui destacada e defendida por Bruno Latour. Para isto, é preciso partir da ideia inicial de que nenhum desses lugares privilegiados de produção, disseminação e memória do conhecimento científico é erguido de maneira isolada dentro de uma paisagem real que lhe sirva de moldura. Tratam-se de instâncias do saber que, como descreve Latour (2004, p. 02), ao mencionar como exemplo, a biblioteca: “curva o espaço e o tempo ao redor de si, e serve de receptáculo provisório, de transformador e de agulhas a fluxos bem concretos que ela movimenta continuamente”.

Essa movimentação, por sua vez, diz respeito ao dinâmico processo de circulação de todas as inscrições dentro das redes de transformações de que se valem as diversas instituições dentro do complexo e circular jogo de representação dos fenômenos, dos quais, estas se fazem representantes. E isso, inclui a forma com que cada uma delas se apropria e validam as inscrições que lhes servem de material para a representação do real. Desta maneira, Latour (Idem) explica que a produção da informação permite, pois, resolver de modo prático, por operações de seleção, extração,

redução, a contradição entre a presença num lugar e a ausência desse lugar. E que, se torna impossível compreender essa produção, fora da compreensão da relação de dominação estabelecidas pelas instituições e seus veículos materiais que permitem o transporte e o carregamento. De tal forma, esclarece este mesmo autor que, o signo não remete de imediato a outros signos, e sim a um trabalho de produção concretamente material. E ao expor essa concepção, esclarece que tal dinâmica se dá por meio de dois movimentos: de redução e de amplificação operacionalizada nas redes de transformação. Para ilustrar e esclarecer tal concepção, ele se vale de uma fotografia extraída do livro ilustrado pelo naturalista Pierre Béranger que Michel Butor consagrou à antiga galeria do Museu de História Natural, fazendo a seguinte consideração:

Reencontramos os voláteis empalhados de há pouco, mas no meio de todos os seus congêneres, trazidos, do mundo inteiro, por naturalistas dispersos no espaço e no tempo. Em comparação com a situação inicial, em que cada ave vivia livremente em seu ecossistema, que perda considerável, que diminuição! Mas, em comparação com a situação inicial, em que cada ave voava invisível na confusão de uma noite tropical ou de um amanhecer polar, que ganho fantástico, que aumento! O ornitólogo pode então, tranquilamente, em local fantástico, que aumento! O ornitólogo pode então, tranquilamente, em local comparáveis pela imobilidade, pela pose, pelo empalhamento. O que vivia disperso em estados singulares do mundo se unifica, se universaliza, sob o olhar preciso do naturalista. Impossível, é claro, compreender este suplemento de precisão, de conhecimento, sem a intuição que abriga todas essas aves empalhadas, que as apresenta ao olhar dos visitantes, que a marca por um fino jogo de escrita e de etiquetas, que as classifica por um sistema retificável de prateleiras, de gavetas, de vitrines, que as preserva e as conserva borrifando-as com inseticidas. [...] A comparação de todas as aves do mundo sinoticamente visíveis e sincronicamente reunidas lhes dá uma enorme vantagem sobre quem só pode ter acesso a algumas aves vivas. A redução de cada ave se paga com uma formidável amplificação de todas as aves do mundo. (LATOURET, 2004, p. 04).

Ao aprofundar a reflexão em torno de tal problemática, Latour (Idem) acrescenta ainda que as inscrições circulam em meio a esses deslocamentos de redução e amplificação no sentido de assegurar a fidelidade, a verdade entre o representado e o representante. Em seguida, o autor questiona, onde, enfim, se encontram os fenômenos? Se esses estariam dentro ou fora das tais redes de transformação. E ele mesmo responde ao afirmar que “Infelizmente, os fenômenos circulam *através do conjunto*, e é

unicamente sua circulação que permite verificá-los, assegurá-los, validá-los” (Idem, p. 12). Dito de outro modo, ele chama a atenção para o domínio exclusivo que tais instâncias detém no processo de legitimação do conhecimento científico e sobre como elas institucionalizam e balizam as práticas científicas para além das fronteiras sociais a que cada uma delas pertence. E isso se dá por meio das redes de circulação e transformação do conhecimento que por sua vez se operacionaliza a partir da forma com que os signos materiais são gerados, organizados, arquivados e expostos ao público.

Portanto, na concepção desse mesmo autor, as instituições como as bibliotecas, os laboratórios, as coleções não são simples meios que se poderiam dispensar facilmente, sob pretexto de que os fenômenos fariam por si mesmos à simples luz da razão. Diz Latour (Idem, p.14) que “Adicionados uns aos outros, eles compõem os fenômenos que só têm existência por esta exposição através das séries de transformações”. Em consonância com o que é colocado por Shapin, ao falar do status convencional do conhecimento científico, Bruno Latour assevera que é desta maneira que a veracidade científica é construída e de tal forma que se desejarmos entender como chegamos as vezes à verdade, devemos substituir a antiga distinção entre a linguagem e o mundo por essa mistura de instituições, formas, matérias e inscrições. É, portanto, por meio deste jogo conectivo entre representado e representante, presença e ausência mediada pela dinâmica das inscrições e que estão para além do próprio império dos signos, que ele chama a atenção para a forma com que o conhecimento científico é fabricado e posto em circularidade dentro das mais diversas instâncias legitimadas deste saber. Dentre essas estão os museus dos quais fazem parte o amplo e diversificado universo de coleções. Foi dentro deste universo que a experiência pedagógica pautada aqui anunciada se deu, tendo como objeto o Museu Interativo do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande (MISA/UFCG), conforme se vê a seguir.

Uma visita ao Museu Interativo do Semiárido (MISA)

Descreverei a partir deste tópico, o relatório de uma vivência pedagógica envolvendo ensino e pesquisa no campo da História, ocorrida dentro do Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) entre a USP, no âmbito do Programa de História Social e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PB), do qual faço

parte. A experiência se deu a partir do conteúdo ministrado na disciplina História e Historiografia das Ciências, ministrada pelos professores doutores Márcia Regina Barros da Silva (USP) e Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG) e que culminou com uma atividade prática, fora do ambiente da sala de aula. A atividade consistiu na visita dos alunos do curso a três instituições distintas: um laboratório, uma biblioteca e um museu, com o propósito de levar todos a uma análise crítica e reflexiva em torno do processo de criação, especialização e transformação do conhecimento científico com que cada uma dessas instituições lidam, a partir dos conceitos apresentados e discutidos em sala de aula e aqui destacados.

Por motivo de restrição espacial e escolha particular também condizente com a perspectiva aqui abordada, o relato tratará especificamente do resultado pertinente à visita feita ao Museu Interativo do Semiárido da UFCG (MISA) que, de todas as instituições mencionadas, é aquela que melhor trabalha com a memória social. Antes da descrição desta experiência, é importante apresentar um breve histórico deste museu temático que fica situado nas dependências do Centro de Humanidades da UFCG. Criado em 15 de maio de 2007 para fomentar a consciência da importância estratégica que possui a Região Semiárida para o Brasil, exibindo as principais nuances e faces que compõem essa imensa parte constitutiva dos perfis geográfico, histórico, sociológico, antropológico econômico e ambiental brasileiro, o MISA se configura como um elemento primordial para transmitir, itinerante e permanentemente, os traços fundamentais da Região. Embora funcione também de maneira itinerante, com parcerias institucionais, o museu tem sede fixa nas dependências do Campus I da UFCG onde permanece aberto à visita³.

A sua coletânea consta de acervo com painéis explicativos, peças em cerâmica, madeira, couro, fibras e metal que resultam em peças, equipamentos, máquinas, mobiliários, vestimentas, utensílios do fazer diário e das pequenas indústrias rurais incluindo o resgate do canção popular e do dia a dia do rural e do urbano que mexem com o imaginário social, remetendo aos ambientes bucólicos da Caatinga, seu principal Bioma. O acervo conta ainda com três dioramas que retratam a temática: *Extinção dos Animais e a Extinção das Lendas* com réplicas de animais em extinção e

³ Dados extraídos do portal institucional do MISA. Para mais informações ver o endereço eletrônico: <http://www.museusemiarido.org.br/novo/>

personagens do folclore do Semiárido, que se movimentam de acordo com o enredo da história contada através de um projeto audiovisual que usa narração, a automação e um sistema de iluminação especial.

Cientes de que, como destaca Schaer (Apud Barbuy, 1999, p.59) “o museu é o espaço de uma enciclopédia material de vocação didática”, eu e os demais colegas de turma que, vale salientar, são todos professores de instituições de ensino diversas, nos dirigimos até o museu mencionado que até então era desconhecido de todos, apesar de se encontrar situado dentro da instituição da qual fazemos parte. Ao nos depararmos com o cenário naquele local, nos damos conta mais claramente de que, para além de um espaço educacional, numa perspectiva sociológica, conforme defende Alencar (2015, p.12), “um museu pode ser considerado uma subestrutura em permanente relação e interdependência com as restantes subestruturas que, no seu conjunto, formam o todo social”. Em sua forma estruturante, é desse modo que o MISA se apresenta, realçando sua condição de unidade funcional social e espaço dinâmico de difusão científico e cultural. Em funcionamento em pleno campus universitário e aberto a comunidade em geral, o museu ilustra de forma ímpar, ao ver deste pesquisador, as ideias discutidas por Bruno Latour em seus diversos textos e, especialmente, no que serviu para o norteamento conceitual da produção deste trabalho, especialmente, ao se referir ao dinâmico processo de circulação do conhecimento em redes.

A visita ao museu foi guiada pela secretária e responsável pelo espaço, Marleide Galiza que conduziu a visita apresentando cada uma das coleções expostas, as quais fazem parte da exposição intitulada “*Viver e Compreender*”. O próprio título da exposição nos remete de imediato àquilo que Bruno Latour e Steve Shapin não falarem do processo de legitimação do conhecimento a partir do espaço científico e social de onde este é gerado, organizado e disseminado. Embora os olhares estivessem fixados em cada peça e apresentação dos artefatos históricos que trazem consigo os vestígios da vida e cultura da realidade do semiárido nordestino, a atenção maior dos visitantes demonstrava-se estar focada nas reflexões provocadas por Latour (2004) ao conjecturar acerca das relações que envolvem as inscrições e os fenômenos por estas representadas dentro da dinâmica do conjunto de redes de transformações.

As coleções e a rede de transformações

Nesse sentido, é importante frisar que tal relação foi percebida a partir do lado de fora do museu cujo cenário construído apresentava elementos sógnicos referentes à vegetação da caatinga, como, por exemplo, pés de xique-xique e cactos variados. Não obstante, foi no interior do museu, diante da coleção exposta que melhor se viu a forma com que o conhecimento era organizado dentro do processo de circulação, transformação e registro da memória social⁴, cujo conceito aparece atrelado à diversas concepções da dinâmica de construção da memória coletiva que, conforme descreve Le Goff (1990) e outros autores, se movimenta na direção da relação de poder que constitui a sociedade. Neste sentido, os autores chamam a atenção para o significativo processo de apagamento e revigoração da memória, destacando que, como descreve Le Goff (1990, p. 368): “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Tal manipulação vê-se também reproduzir a partir da maneira de captação e organização dos artefatos imagéticos de grande poder sógnico que compõem as coleções expostas nos museus.

Foi o que também se percebeu a partir do contato visual com cada um dos objetos expostos dentro da coleção do MISA. Dentre estes, estavam a mostra de artefatos artísticos como bonecos e animais de tecido e palha, representando personagens típicos da região semiárida. Tratava-se ali, de uma clara referência à atividade de transformação por meio do processo de redução e amplificação comentado por Latour (2004) ao ilustrar sua fala com o exemplo do autorretrato do naturalista Pierre Sonneart que ao ser enviado pelo rei até sua terra natal para trazer de lá desenhos e espécimes naturalizados, retorna com uma gravura sua feita *in loco*. E, como descreve Latour (2004, p.03), “o naturalista desenhou a si próprio em plena atividade de transformação de um lugar em outro, registrando a transição entre o mundo das matérias e o dos signos móveis e transportáveis para qualquer lugar”. A exposição da respectiva coleção, remetia, portanto, a este contexto retratado pelo autor ao falar do paradoxo em torno do realismo científico ao tentar suprir a ausência do fenômeno por meio de signos

⁴ Trata-se aqui de um conceito que, para além dos historiadores, filósofos e cientistas sociais tem se apropriado de maneira cada vez mais recorrente, no intuito de lançar luzes sobre a tríplice e complexa problemática que envolve o homem, o tempo e o espaço. Por não se tratar de um conceito chave para o desenvolvimento deste trabalho, tal conceito não será aqui aprofundado. Para tanto, recomenda-se a leitura dos autores Le Goff (1990) e Ricoeur (1996).

dentro da rede de transformações que, neste caso, é operacionalizada por meio da coleção museológica.

A ida do grupo àquele museu em destaque, é importante frisar, tratava-se de uma visita diferenciada levando-se em conta o fato de se tratar não apenas de um grupo de visitantes professores mas sim, em sua maioria, historiadores e estudantes de um curso de pós-graduação em História Social e que estavam ali para tentar compreender melhor tudo aquilo que o autor discutia em seu texto lido previamente por todos. Isto, entretanto, vale destacar, não ofuscou a admiração dos visitantes diante das exposições, especialmente, o acervo do maquinário das profissões e os dioramas, os quais, vale ressaltar, em vários momentos manifestaram-se deslumbrados com o que viam, deixando vir à tona, aquilo que Pereira (2007) chama a atenção ao destacar que além de um espaço educativo, o museu é também local de encantamento e admiração.

Ao final da visita, todos os alunos retornaram para a sala de aula como forma de conclusão da atividade e que consistia em discutir naquele momento, as percepções e averiguar as conjecturas feitas por cada um durante as visitas. A discussão foi iniciada por mim e dois outros colegas que haviam ficado responsáveis pela condução da atividade prática da disciplina, sendo acompanhada em seguida pelos demais participantes e pautada no arcabouço conceitual apresentado por Bruno Latour em seu texto: *Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções*. Vale ressaltar que, antes deste, o grupo já havia discutido outros textos de autoria do mesmo autor em que a temática central girava em torno do trabalho de desmitificação e desnaturalização da ciência enquanto campo de conhecimento puro e distantes de subjetivações, revelando-se, na verdade enquanto uma prática de caráter social e cultural. Durante a experiência, foi possível perceber de maneira ainda mais clara o fato de que a ciência não é somente uma descrição neutra e fiel dos fenômenos por ela explorados e representados sob a ótica da razão, mas sim, uma prática antes de mais nada humana, subjetivada, de (re) significação e poderosa que permite fazer o existir do que descreve.

Não resta dúvida, entretanto, que o momento mais rico da experiência se deu por meio do debate gerado ao final da atividade. Dentre os vários registros conjecturais feitos pelo grupo, as observações acerca da referencia circulante descritas por Latour (2004) e que dá conta da rede de translação e transformação envolvendo a forma com

que as inscrições estabelecem a relação da ciência com o mundo, se destacaram. Através das falas, pôde-se evidenciar de maneira particular, a forma com que se não todos, boa parte, percebeu aquilo que o autor discute no texto referendado, ao tentar fazer ver que as bibliotecas, laboratórios e coleções são na verdade redes de transformações que espelham a relação dominante, o controle intelectual que, conforme nos faz ver Latour (2004, p. 09) “não se exerce diretamente entre os fenômenos, mas sim sobre as inscrições que lhes servem de veículo”.

A visita ao MISA, de maneira particular, possibilitou uma melhor percepção acerca desta realidade descrita pelo autor, na medida que fez ver, por meio da exposição das coleções ali dispostas, sistematicamente e ancoradas num discurso catalogador, típico dos museus, o fato de que as ciências não são mais imediatas do que as imagens piedosas nem menos transcendentais que elas (Latour, 2004, p. 10). Ali, tanto os elementos imagéticos que configuram e visam reproduzir de forma fiel, o cenário e a realidade do semiárido nordestino, compõem uma parte do conjunto de redes de transformações por meio do qual cada inscrição liga cada inscrição ao mundo, para além daquele espaço museológico. Espaço este que, é importante frisar, não por acaso, se situa dentro do espaço de uma instituição de controle e detenção de conhecimento científico. Eis aqui algo importante que, como nos adverte o autor aqui referendado, é sempre relevante levarmos em consideração ao analisarmos o fenômeno do realismo científico, sob pena de, ao contrário, crer que o signo representa o mundo sem esforço e sem transformações e de que a ciência é a mais pura e desinteressada forma de representação da realidade.

Considerações finais

Baseado nas considerações aqui apresentadas, os resultados alcançados por meio da atividade prática aqui descrita neste relato de experiência demonstraram-se de grande valia para uma melhor compreensão acerca das relações intrínsecas ao complexo e dinâmico processo de produção e circulação de conhecimento científico. A complementariedade das leituras feitas acerca dos conceitos apresentados, especialmente pelo filósofo Bruno Latour com a atividade de visita feita aos locais

de produção e circulação deste conhecimento e, de maneira particular ao MISA, possibilitaram ao autor deste trabalho, bem como aos demais participantes, uma inserção de maneira mais crítica ao universo social da práxi científica, nos fazendo ver os diversos nuances que historicamente configuram este. Nesse sentido, uma observação mais atenta ao conceito de referente circulante do conhecimento científico associado à ideia de operacionalização da rede de transformações posto por Latour (2004), bem como a contribuição ofertada por Shapin (2013) possibilitou a todos uma melhor percepção de como este conhecimento se configura também subjetiva e socialmente.

Através da observação in loco feita a locais que dão vida a essa cadeia de translação e transformação, revelou-se uma experiência de imensa riqueza para nós que nos inserimos nos estudos acerca da história social da ciência. Por fim, tratou-se de uma experiência por meio da qual, foi possível se compreender de maneira particular e mais evidente, os modos pelos quais os laboratórios, as bibliotecas e as coleções museológicas permanecem sendo, conforme nos aponta Latour (2004), elementos imprescindíveis para uma compreensão racional dos fenômenos e do próprio mundo a sua volta e do qual estes se fazem fiéis representantes. Mais do que isto, sobre de que modo cada uma delas e, especialmente o museu, atua dentro da dinâmica de operacionalização das denominadas redes de transformações e, conseqüentemente, do processo de manutenção da produção, circularidade e valorização do saber científico. E por fim, de maneira ainda mais precisa, viu-se a maneira pela qual tais instituições mediadoras atuam dentro da política permanente a serviço da contínua legitimação do império do conhecimento científico.

Referencia

ALENCAR, Valéria Peixoto de. *Mediação cultural em museus e exposições de história: conversas sobre imagens/história e suas interpretações*. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual Paulista; Instituto de Artes. São Paulo, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 9 ed. São Paulo:Hucitec, 1999.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

BRUNO, Cristina. *Museus e Patrimônio Universal*. IN *V Encontro do ICOM BRASIL, Fórum dos Museus de Pernambuco*. Recife, maio de 2007,

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In. PARENTE, André. *Tramas da Rede*. Sulinas, Porto Alegre, 2004.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. (Trad. Angela R. Vianna) Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997

LE GOFF. *História e memória*. Campinas, Editora UNICAMP, 1990.

PEREIRA, Junia Sales. *Escola e Museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus; CEFOR-PUC-Minas, 2007.

RICOEUR, Paul. *Entre mémoire et histoire. Projet*. Paris: n° 248, 1996.

STEVE, Shapin. *Nunca Pura: estudos históricos de ciência como se Fora produzido por Pessoas com Corpos, situadas no Tempo, no Espaço, na Cultura e na Sociedade e que se Empenham por Credibilidade e Autoridade*. Belo Horizonte:MG: Fino Traço, 2013